

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

# **A REVOLUÇÃO PELA TEORIA**

**PEDRO HISPANO E O NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO SOCIAL DA  
MEDICINA UNIVERSITÁRIA NO SÉCULO XIII**

*Arthur Oliveira Alfaix Assis*

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dulce Oliveira Amarante dos Santos

GOIÂNIA

2002

ARTHUR OLIVEIRA ALFAIX ASSIS

## **A REVOLUÇÃO PELA TEORIA**

### **PEDRO HISPANO E O NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO SOCIAL DA MEDICINA UNIVERSITÁRIA NO SÉCULO XIII**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel e licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dulce Oliveira Amarante dos Santos

GOIÂNIA

2002

ARTHUR OLIVEIRA ALFAIX ASSIS

## **A REVOLUÇÃO PELA TEORIA**

### **PEDRO HISPANO E O NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DA MEDICINA UNIVERSITÁRIA NO SÉCULO XIII**

Monografia defendida e aprovada em 20 de março de 2002 por Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dulce Oliveira Amarante dos Santos

Universidade Federal de Goiás

---

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Teresinha Maria Duarte

Universidade Federal de Goiás

## AGRADECIMENTOS

A pesquisa de que resultou este texto foi financiada por uma bolsa de iniciação científica do CNPq. A essa instituição que não pouco tem feito pela ciência no Brasil rendo meus primeiros agradecimentos. Gostaria de agradecer à professora Dulce Oliveira Amarante dos Santos, que pacientemente orientou a elaboração do trabalho, o convite para que tomasse parte em seu projeto sobre as relações magia – ciência na Baixa Idade Média e a Michel Barbosa Gomes, bolsista do mesmo projeto. Agradeço também à professora Teresinha Maria Duarte, que gentilmente aceitou compor a banca examinadora.

Como se trata de um trabalho de final de curso, gostaria de aproveitar para agradecer algumas pessoas que muito têm me auxiliado em meu percurso acadêmico. Trata-se dos professores Carlos Oiti Berbert Júnior, Luiz Sérgio Duarte da Silva e Noé Freire Sandes, todos do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.

A William, David e Ari Neto agradeço a amizade. A José de Arimathéa e Silva Sobrinho, meu avô, presto com estas páginas e com essa menção uma breve homenagem. A Marly, Eduardo, Gustavo e Frederico agradeço a disposição com que juntos formam a minha casa.

*“e Pietro Ispano  
Lo qual giù luce in dodice libeli”*

Dante

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Capítulo 1:</b> <i>Petrus Hispanus: Scientia Physicali et Naturali Repletus</i> .....	9
<b>Capítulo 2:</b> Medicina Universitária e Sociedade na Europa do Século XIII: Reflexões em torno de um texto médico de Pedro Hispano.....	24
<b>Considerações Finais</b> .....	40
<b>Fontes e Referências Bibliográficas</b> .....	44
Anexo 1: Levantamento bibliográfico: textos sobre Pedro Hispano.....	46
Anexo 2: Levantamento bibliográfico: textos sobre a ciência e a medicina da Baixa Idade Média.....	48

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a medicina das universidades européias no século XIII. Possui a intenção de ilustrar características de um campo de saber que, no curso daquele século e desde o anterior, passava por profundas transformações. Procura, na verdade, captar a natureza de tais transformações, a partir da pressuposição de que havia um motor a impulsioná-las. Enfoca o momento concreto da aplicação de uma teoria ampla e com largas margens de aplicabilidade a um determinado saber prático. Reconstrói, por recurso a alguns de seus fragmentos, a experiência de uma revolução intelectual: uma revolução na qual a medicina se renovou pela infiltração de certas idéias acerca da natureza do universo e de suas estruturas de funcionamento, ganhando com isso força teórica e, conseqüentemente, poder de ação.

Os ingredientes desse tônico, as peças desse motor, eram formados pelos princípios que constituíam a filosofia natural de Aristóteles e que inundavam o ambiente intelectual europeu daquela época. As universidades, que no século XIII floresciam, logo passaram a abrigá-los e em seus currículos à filosofia natural foi reservado um lugar proeminente. É também no decorrer do mesmo século que algumas dessas instituições começam a disponibilizar formação acadêmica em medicina a seus estudantes. Como parte da estrutura universitária, a medicina passa a se situar na esfera de influência da filosofia natural. De fato, o significado profundo da revolução intelectual destacada pode ser percebido a partir da constatação de que com ela se processava a fundamentação da prática médica sobre a

filosofia natural. O mais importante é que um certo tipo de causalidade insere-se nas tramas do saber médico. A medicina perde então um pouco de seu caráter estritamente terapêutico, ou melhor, altera-se ao ponto em que a terapêutica fica submetida à diagnose, justamente o procedimento cujo poderio é multiplicado pela ação dos princípios da filosofia natural. À ação dos mesmos princípios, diga-se de passagem, também se deve o aparecimento de propósitos preventivos que muito marcaram um determinado gênero da literatura médica do período.

Na esteira dessas transformações reconfiguravam-se os padrões de relação entre medicina e sociedade. É claro que modo universitário de exercício da medicina não suprimiu a existência de mais antigos segmentos profissionais cuja atividade também estava ligada à saúde dos homens e que, em maior ou menor medida, possuíam legitimidade social. O que se opera com a revolução médica do século XIII é a entrada em cena de um novo grupo altamente diferenciado de curandeiros que, por uma série de mecanismos, conseguiu se colocar no ápice da hierarquia médica: os físicos treinados pelas universidades. A instalação dos físicos universitários no mais alto patamar da profissão médica fazia com que toda a rede de praticantes de medicina fosse reorganizada de modo a que tal superioridade pudesse repetidamente se atualizar nos processos cotidianos da vida social.

Pedro Hispano era um desses físicos. O estudo de seu percurso intelectual e, particularmente, de suas obras médicas pode ser tomado como recurso metodológico por uma reflexão dirigida pelo propósito de esclarecer algo acerca da medicina das universidades no século XIII. Este trabalho avança na trilha dessa possibilidade. Quer encontrar em certos textos constitutivos da obra médica de Pedro elementos empíricos que sustentem a construção de uma interpretação plausível das características assumidas então pelo saber médico. Essa interpretação conscientemente admite o pressuposto da relevância da transformação de que busca dar conta. Está ela associada a uma perspectiva mais geral a qual tem procurado, mediante o destaque da complexidade e da criatividade da ciência da Baixa

Idade Média, ressaltar os pilares medievais da grande revolução científica associada aos nomes de Johannes Kepler, Galileu e, principalmente, Isaac Newton, no século XVII.

O texto que se segue está dividido em dois capítulos. No primeiro deles apresenta-se Pedro Hispano, sua obra – conferindo destaque especial a seus textos médicos – e alguns problemas relativos à autoria dos textos que são atribuídos a ele. Busca-se enquadrar os textos médicos no interior de uma tradição intelectual que naquela época se afirmava, aquela que resulta da aproximação entre a medicina e a filosofia natural. Ao final, extrai-se da análise das possibilidades de filiação de Pedro a essa tradição pontos para uma reflexão acerca dos novos padrões de interação entre as formas de exercício da medicina e a sociedade do século XIII europeu. O segundo capítulo tem por fio condutor um texto de Pedro Hispano intitulado *Liber de Conservanda Sanitate* (Livro sobre a Conservação da Saúde). Em torno dele, procurar-se-á dar melhores e mais concretos contornos à nova medicina produzida pelas universidades através de dois caminhos. Um deles conduz a um aprofundamento do tema da filosofia natural e de sua conexão com o pensamento médico. O outro revela a mudança no plano das relações entre medicina e sociedade, aproveitando o campo de questões construído no primeiro capítulo. Fazem parte ainda deste volume um texto que, à guisa de conclusão, oferece um relato das etapas pelas quais se desenvolveu a pesquisa e dois anexos em que constam breves listagens de títulos relacionados a Pedro Hispano e à história da medicina medieval.

# CAPÍTULO 1

## *PETRUS HISPANUS: SCIENTIA PHYSICALI ET NATURALI REPLETUS<sup>1</sup>*

Este capítulo estrutura-se de modo a empreender duas tarefas. A primeira delas consiste na apresentação de nosso autor, Pedro Hispano, e de sua obra, com ênfase particular nos trabalhos sobre medicina. Nesse primeiro passo também se irá buscar definir o contexto intelectual no interior do qual se constituem tais obras médicas, notadamente um contexto marcado pela religação dos vínculos com tradições intelectuais da antiga Grécia. Com base em um conjunto de textos médicos de Pedro, buscar-se-á, por fim, construir um campo de questões pelo qual a reflexão acerca das inter-relações entre medicina e sociedade na Europa do século XIII pode ser orientada. A segunda dessas tarefas desloca o olhar para a análise de intrincados pontos relacionados à autoria dos textos tradicionalmente identificados como de Pedro Hispano. Aqui se procura dar destaque a certos argumentos dessa polêmica erudita que afirmam a inviabilidade da tese de um único autor para o *corpus* atribuído a ele e propõem uma pulverização desse conjunto entre vários autores.

---

<sup>1</sup> Esses são os termos com os quais Jacobus Varagine (morto em 1292) caracterizou Pedro Hispano. Encontra-se a menção a tal caracterização em José Antunes (1993, p. 525)

## A obra médica de Pedro Hispano como problema

Pedro Hispano é um nome de certa relevância na medicina europeia do século XIII. Costuma-se identificá-lo ao papa português João XXI, mas tal procedimento – conforme se verá mais adiante – não se efetua sem deixar no ar questões colaterais. Ao que parece, deve ter nascido em Lisboa entre 1210 e 1220, no seio da nobre família dos Rebolos ou Rabelos (Antunes, 1993, p. 524). O pouco que se sabe acerca da primeira fase de sua vida é a raiz das controvérsias no meio das quais seu nome hoje figura. De fato, a escassez de registros impede uma maior precisão na datação de seu nascimento, o que seria o ponto final em vários problemas concernentes a autoria dos textos a ele atribuídos. João Ferreira menciona a existência de um certo consenso, entre os estudiosos de Pedro Hispano, quanto ao fato de ter ele iniciado os estudos na escola catedral de Lisboa, embora muito cedo se tenha deslocado para Paris. (Ferreira, 1954, p. 5) O testemunho da *Bula Flumen aquae vivae*, um registro bastante seguro, indica que Pedro Hispano viveu em Paris durante a juventude, tendo lá, por muito tempo, dedicado-se ao “estudo das várias ciências”.<sup>2</sup>

Da fase adulta de sua vida se está mais bem informado. Alguns documentos de meados do século XIII acusam a existência de um tal “mestre Pedro médico, chamado Hispano”, professor na universidade de Siena na Itália. (Meirinhos, 1996, p. 55-56; Pontes, 1966) Sabe-se também que, posteriormente, Pedro Hispano foi arcebispo de Vermoim, deão da Sé de Lisboa e arcebispo eleito de Braga, que em 1273 foi elevado a cardeal-bispo de Túsculo e que logo após exerceu a função de médico na cúria papal de Gregório X (1271-1276). Sucedeu a Adriano V no sólio pontifício e teve o nome ligado à questão das

---

<sup>2</sup> A expressão consta do próprio texto da bula papal (28/04/1277) e foi mencionada por Lynn Thorndike (1934, p. 489). Ele transcreve o trecho original, uma carta enviada por João XXI (28/04/1277) ao bispo de Paris: “In illis namque laribus ab annis teneris diutius observati variis scientiis inibi studiose vacavimus et per annos plurimos”.

condenações por Etiènne Tempier, bispo de Paris, de doutrinas ensinadas na universidade parisiense, na qual interveio de forma prudente (Antunes, 1993, p. 524; 1995, p. 124). Seu pontificado durou oito meses (setembro de 1276 a maio de 1277) e foi interrompido pela morte trágica, quando do desabamento de uma das alas do palácio de Viterbo.

As obras hoje atribuídas a Pedro Hispano constituem um vasto *corpus* que transita pela filosofia natural, teologia, lógica e medicina, numa ampla combinação de conhecimentos dificilmente perceptível em outro intelectual do século XIII e que parece ter sido o motivo da homenagem de Dante no Canto 12 do Paraíso da Divina Comédia, no qual se pode encontrar Pedro Hispano ao lado de São Domingos e de São Tomás de Aquino. Dos textos filosóficos, aqueles que mais atenção têm recebido, o mais conhecido é o *Tractatus*, ou *Summulae Logicales*, manual de lógica utilizado nos séculos XIII e XIV em diversas universidades européias. Figuram também nesse grupo outros textos importantes, como *De syncategorematicis*, a *Scientia libri de Anima* e o *Comentario al De Anima*. Já conjunto dos textos teológicos é composto pelas *Expositio librorum Beati Dionysii*, constituída pela *De coeleste hierarchia*, *De ecclesiastica hierarchia*, *De divinis nominibus*, *Theologica mystica* e *Epistulae*.

Os textos médicos atribuídos a Pedro Hispano – aqueles que mais de perto nos interessam – podem ser distribuídos entre comentários, tratados médicos, regimentos de saúde e receituários. De acordo com Meirinhos (1996, p. 76), a identificação entre o autor dos tratados, dos comentários e o dos regimentos e receituários ainda é passível de uma melhor comprovação. Que se a aceite, contudo, aqui e sem mais delongas se identifique Pedro Julião, lisbonense que mais tarde seria o Papa João XXI ao *Petrus Hispanus medicus* que é certamente o autor dos comentários médicos. Conhecem-se de Pedro Hispano dois tratados médicos especializados: o *Tractatus de Febribus* e o *Liber de morbis ocularum*. Diversos comentários médicos também lhe são atribuídos: *De dietis universalibus*, *De dietis particularibus* e *De Urinis*, comentários a Ishaq Al Israili; *De regimine acutorum* e *Prognostica*, comentários a Hipócrates; *De pulsibus*, a

Filareto; *Mecrotechne-Ars parva* e *De crisibus et de diebus decretoriis*, a Galeno; *Isagoge ad artem parvam Galeni*, a Hunayn Ibn Ishâq; e *Viaticum*, a Abu Yazzar Ahmad (Antunes, 1993, p. 525; 1995, p. 524).

Os comentários na Idade Média constituem a forma básica do texto universitário. São textos dirigidos ao público acadêmico e, em geral, propõem-se a explicar ou alargar o ponto de vista de um autor anterior. Nesse sentido, estão diretamente relacionados a uma autoridade. Esta atua tanto na inspiração ao texto, como na legitimação da tese proposta. Todavia, deve-se notar que essa autoridade não corresponde a um conjunto de idéias de um autor reconhecido que é tomado de empréstimo na sua integralidade. Os empréstimos são parciais. Resultam de operações seletivas e de interpretações diversas que, muitas vezes, obedecem às necessidades de uma determinada situação textual. Tomavam-se como autoridade alguns trechos e deixavam-se de lado outros que poderiam trazer implicações contrárias aos objetivos do autor. (Salmón & Salor, 1993, p. 349)

Uma autoridade era, pois, como que um “esqueleto” sobre o qual se elaboravam interpretações. O exame de temas a que autoridades antigas não se detiveram com grande amplitude, mas que foram alvos de reflexão por parte dos físicos da Baixa Idade Média, ajuda a visualizar esse tipo de relação entre autor e autoridade. Da polêmica acerca da visão de objetos não existentes no exterior – aqueles pontos escuros que às vezes nos acompanham no ato visual – pode-se depreender a maneira pela qual o recurso a uma autoridade ajudava a dar força a novas explicações. No caso em questão, os pressupostos das teorias da visão, tanto de Aristóteles (384-322 a.C.), quanto de Galeno (129-210?), as mais importantes autoridades nessa matéria à época, não se ajustavam ao fenômeno que se procurava entender. Nem a formulação do modelo visual aristotélico de que era necessária a existência de um meio transparente entre observador e objeto observado, nem o pressuposto de Galeno, segundo o qual era preciso uma certa distância entre eles, adequavam-se à compreensão do fenômeno da

visão dos pontos escuros que se movem no interior dos olhos. A carência, apresentada pelas autoridades médicas tradicionais, de modelos explicativos para o referido fenômeno forçou os físicos medievais no sentido da elaboração de modelos cuja originalidade era bastante evidente (Salmón & Salor, 1993) e que também resultavam de apropriações seletivas de formulações constantes em autoridades. Na verdade, esse tipo de relação entre autor e autoridade é característica não só de comentários relativos a temas sobre os quais os textos clássicos pouco diziam, mas de quase todos os comentários médicos produzidos nesse período.

Já os receituários e os regimentos de saúde possuíam uma finalidade diversa do propósito estritamente acadêmico dos comentários. O *Thesaurus pauperum* é um receituário de Pedro Hispano. O *Liber de Conservanda Sanitate* e o *De Regimine Sanitates per omnes menses* são regimentos de saúde também a ele atribuídos. A diferença básica entre receituários e regimentos é que esses últimos possuíam intenção de orientar a prevenção de doenças, ao passo que nos primeiros normalmente constavam compilações de receitas contra enfermidades, sem que tal intenção preventiva se revelasse marcante. Todavia, textos como *Thesaurus pauperum* e o *Liber de Conservanda Sanitate*, muito embora apresentassem diferenças quando confrontados à luz desse tipo de classificação, tinham em geral o propósito de disponibilizar saberes práticos a estudantes pobres ou a praticantes de medicina sem formação universitária, constituindo gêneros de textos cuja função é mais ou menos análoga à dos manuais científicos de nosso tempo.

O *Tesouro dos Pobres*, conforme o sugerido por Lynn Thorndike (1934, p. 491), evidencia em seu próprio título uma das faces desse duplo caráter, tanto consultivo, quanto difusor, comum a receituários médicos e a regimentos de saúde. Os pobres a que se refere aparecem como grupo ao qual o texto é direcionado, indicando uma clara preocupação com a difusão do saber médico. O propósito difusor de que está impregnado o *Thesaurus pauperum* pode ser considerado exitoso. Sua ampla circulação durante três séculos é inferida a partir da

existência de cerca de 70 manuscritos latinos conhecidos e de diversas traduções em línguas vernáculas – como as portuguesas, espanholas, inglesas e italianas – depositadas em vários arquivos de toda a Europa. (Rocha Pereira, 1973) Por isso, o *Thesaurus* é um dos manuais medievais de medicina dos mais influentes e representativos. (Thorndike, 1934, p. 489) Contém ele uma espécie de compilação condensada de “remédios fáceis e eficazes para quase todas as enfermidades”, segundo o que seu próprio autor afirma em diversos dos prefácios. (Thorndike, 1934, p. 493) Essas receitas estão organizadas no texto de acordo com as partes do corpo humano sobre as quais atuam as moléstias, partindo da relação de medicamentos eficazes contra os males da cabeça, na direção dos pés. Deve-se notar que tal estrutura de apresentação é bastante comum aos receituários médicos medievais. No fecho do prefácio, Pedro Hispano indica um dos motivos justificadores desse tipo de classificação que é, por sinal, estritamente coerente com o espírito religioso característico da época:

“Portanto em nome de Jesus Cristo, o físico supremo, Aquele que por sua vontade cura todas as enfermidades e uma vez que habita Ele as cabeças de todos os fiéis, comecemos com os males da cabeça e desçamos até os pés.” (Thorndike, 1934, p. 493)<sup>3</sup>

Na época de Pedro Hispano, o século XIII, a medicina renovava-se pela retomada dos contatos com uma determinada forma de saber teórico, ganhando um considerável impulso racionalizador. Marcel Mauss sugere que, em várias culturas, a medicina está de tal forma vinculada à magia que parece dela ter crescido. (Mauss, 1972, p. 19) Disso decorre, se se aceitar tal hipótese como válida, que a medicina surge como expressão de uma mentalidade mágica e que sua articulação a um quadro teórico mais amplo para o qual as únicas explicações aceitas são aquelas dotadas de estrutura e conteúdo estritamente racional não se faz por um princípio de necessidade (García-Ballester, 1994, p. 12). Todavia, é essa a aproximação da

---

<sup>3</sup> A tradução do trecho é minha. L. Thorndike traz a seguinte versão inglesa: “Therefore in the name of Jesus Christ, the supreme physician, who heals at His will all our infirmities, since He is the head of the faithful, let us begin with diseases of the head and descend to the feet”.

medicina do século XIII. Nesse momento toda uma tradição prática reintegra-se a uma estrutura teórica capaz de forçá-la à racionalização. Ela o faz na medida em que constrói vínculos com a tradição médica grega, que já no século V a.C. tinha transformado a prática da medicina pela influência da filosofia natural.

Uma nova atitude cognitiva pautada pelo interesse na busca das causas dos fenômenos vai, no século XIII, completando sua gestação. O que acelera esse processo é a retomada dos contatos intelectuais com a tradição grega antiga, principalmente pela via árabe.<sup>4</sup> (Grant, 1996, p. 22-23) O que dele resulta é o grande relevo dado a um campo do conhecimento sistematizado por Aristóteles e por ele denominado filosofia natural. É a filosofia natural uma das “ciências teóricas”, conforme a classificação encontrada na *Metafísica*, cujo propósito era o de “descrever e analisar a estrutura e o funcionamento do cosmo.” (Grant, 1996, p. 133) A filosofia natural é, juntamente com a ética e com a metafísica, um dos três grandes domínios do pensamento aristotélico. Os chamados *Libri naturali*, o conjunto de textos de Aristóteles sobre filosofia natural, fornecem o quadro no interior do qual se produziam a filosofia natural da Baixa Idade Média e os saberes que dela se procuravam aproximar. Constituem os *Libri naturali* a *Physica*, *De anima*, *De caelo*, *De generatione et corruptione*, a *Meteora* e a *Parva naturalia*.

A filosofia natural de Aristóteles pode ser entendida como um sistema integrado de explicações a partir do qual os fenômenos da natureza se tornavam compreensíveis. Em linhas muito gerais, ocupava-se em descobrir os princípios da mudança que atuam sobre os corpos no interior do universo, ou seja, com o estudo dos corpos enquanto objetos de algum tipo de transformação. No interior de suas preocupações cabem o estudo das causas primeiras, do movimento em geral, do movimento dos corpos celestes, dos movimentos e

---

<sup>4</sup> A intermediação árabe nessa religação de tradições foi bastante significativa. Isso não somente porque alguns dos principais textos gregos foram traduzidos do árabe para o latim, mas também pela existência de uma rica tradição árabe de comentadores que, como Avicena (980-1037) e Averróis (1126-1198), por exemplo, produziram obras de grande relevo.

transformações dos elementos, da geração e da corrupção, dos animais e das plantas.<sup>5</sup> Duas são as principais subdivisões da filosofia natural e estão elas relacionadas às diferentes características do movimento nas duas grandes regiões do cosmo: a física sublunar e a física celeste. O mundo sublunar é o plano da geração e da corrupção incessantes. Sua marca é a imperfeição expressa na finitude do movimento linear. Encontra-se dividido entre quatro esferas concêntricas, sendo que na menor delas situa-se o centro do universo. A cada uma dessas esferas está relacionado um dos quatro elementos constitutivos da matéria. A primeira esfera é a terrestre; a segunda é a esfera da água; a terceira, a do ar; e a quarta, a do fogo. O movimento no mundo sublunar processa-se de acordo com a combinação de elementos constitutivos de um corpo. Assim, por exemplo, uma pedra, objeto pesado e majoritariamente composto de terra, tende a cair, quando se encontra em uma das outras esferas, caso nada ofereça a ela resistência. De forma inversa, o fogo, apresentado por Aristóteles como elemento desprovido da qualidade peso, tende naturalmente a subir da terra, na direção da quarta esfera, pois os corpos movem-se atraídos por seu lugar natural, a esfera própria de seu elemento majoritário. Os princípios do movimento no plano celeste são radicalmente diversos. Enquanto o mundo sublunar é a região caracterizada pela mudança, é justamente a ausência de mudança o que marca a parte do universo que o circunscreve. A diferença está associada ao fato de que nas esferas celestes a matéria não deriva da composição entre os quatro elementos fundamentais, sendo constituída por um quinto elemento, conhecido por quinta essência ou éter. Os corpos celestes, feitos de éter, não abrigam elementos contrários dentro de si e, por isso, não se movem na direção de um lugar natural, alcançável através de movimento linear. Movem-se eternamente em círculos a revelar, em seu movimento infinito, a perfeição dos mundos superiores e a primazia dessas altas esferas sobre as de baixo.

---

<sup>5</sup> Essa espécie de definição de objetos da filosofia natural é apresentada por Aristóteles em sua *Meteorologia*. A referência aqui também é ao trabalho de Edward Grant (1996, p. 136)

A filosofia natural de Aristóteles fornece o quadro geral para a compreensão dos fenômenos naturais na Baixa Idade Média. Edward Grant, embora chame justamente a atenção para as elaborações criativas desse período sobre o aristotelismo, aponta que as “idéias de Aristóteles constituíam não apenas o esqueleto da filosofia natural medieval, mas também muito de seus músculos e de sua pele.” (Grant, 1996, p. 68) A penetração da filosofia natural no Ocidente medieval define e modela a nova atitude cognitiva assumida pelos homens que se tinham reservado a missão de explicar o mundo. O espaço dentro do qual essa atitude pôde se institucionalizar foi o da universidade. A universidade é a instituição que marca a singularidade da forma pela qual na Baixa Idade Média se produzia e reproduzia o saber. A força da nova atitude cognitiva pode ser inferida do papel assumido pelas faculdades de artes na estrutura geral das universidades. Já em meados do século XIII, a filosofia natural constituía-se na mais fundamental base curricular dessas faculdades. O grau em artes era quase sempre pré-requisito para o ingresso nas faculdades superiores de direito, teologia e medicina. (Verger, 1990, p. 60) Nos centros médicos mais importantes (Paris, Montpellier, Bolonha e Pádua), a maioria dos estudantes havia tido passagem pelas faculdades de artes. (Grant, 1996, p. 157) Dada a proeminência do currículo de artes, e uma vez que esse currículo se constituía basicamente de estudos sobre filosofia natural, seria bastante plausível afirmar que os estudantes universitários da Europa do século XIII possuíam familiaridade com as teorias de Aristóteles. A filosofia natural tendeu, pois, pela estrutura medieval do ensino universitário e por sua peculiar amplitude, a se infiltrar nos domínios de outros saberes como a medicina. Para o saber médico os ganhos decorrentes de tal movimento são evidentes.

É justamente nessa reaproximação entre a filosofia natural e o saber e a prática dos médicos do século XIII que se situa um problema central da história da medicina medieval. A questão que se levanta é acerca da real importância social da medicina universitária nesse período (García-Ballester, 1994, p. 2). Em que medida foi ela capaz de se

dirigir aos anseios dos homens da época? Havia, de fato alguma efetividade prática nessa medicina que vivenciava um processo racionalizador que a elevava à categoria de disciplina academicamente importante? Quais as suas relações – se é que as havia – com a medicina popular dos curandeiros, cuja eficácia, assim se acreditava, derivava das forças sobrenaturais postas em ação pelo ritual mágico?

Levantar esses questionamentos é o primeiro passo para tentar oferecer algum tipo de resposta. Roger French (1994, p. 37) o faz apontando para as ligações com uma astrologia renovada e complexificada pela matemática árabe. Segundo ele, o contato entre essa astrologia e a prática médica criou um quadro de referências a partir do qual se tornava possível a elaboração de explicações de natureza causal para o surgimento de doenças. O estudo das conjunções astrais revelava os momentos mais apropriados para a administração de medicamentos e para realização de cirurgias. A explicação médica, inserida nos quadros de uma aparentemente paradoxal racionalidade astrológica, ganhava legitimidade social e impulsionava autoridade dos médicos. Não foi à toa que muitos físicos da época chamaram a atenção para o fato de que era necessário ganhar a confiança do paciente. Pietro d'Abano, no século XIII, reconhecia que boa parte da autoridade do médico era derivada de sua capacidade de impressionar o paciente e sua família com seus conhecimentos astrológicos (French, 1994, p. 58). Tais saberes não eram acessíveis ao homem comum, pois dependiam de conhecimentos em filosofia natural e matemática e do contato com a rica tradição da astrologia cujas origens podem ser encontradas entre caldeus, persas e gregos antigos.

A literatura dos receituários e dos regimentos de saúde de Pedro Hispano fornece chaves que ajudam a perceber essas transformações na medicina. Pedro Hispano, conforme já se havia indicado, estudou na universidade Paris e é provável que tenha lá realizado seus estudos médicos.<sup>6</sup> Parece também ter tido algum vínculo com a faculdade de medicina de

---

<sup>6</sup> A hipótese que afirma ter Pedro Hispano realizado estudos médicos em Montpellier existe, muito embora seja bastante fraca. (Ferreira, 1954, p. 11-17; Pontes, 1966)

Siena entre 1245 e 1250. Era, portanto, um personagem que não somente acompanhava de perto tais transformações, mas também de certo modo as alimentava com suas obras. Os manuais médicos de Pedro também permitem acesso ao campo de questões delineado acima. Receituários e regimentos de saúde eram textos dirigidos a um público mais amplo de praticantes da medicina que aquele atingido pelos tratados especializados. A partir de sua interpretação pode-se, por isso, tentar avaliar os níveis de interação entre medicina e sociedade. A preocupação com a escrita de textos voltados para a informação de noções de medicina e a receptividade encontrada por esses textos – o que determinou a cópia de muitos deles por gerações sucessivas e a sua perpetuação enquanto fontes de um saber prático – podem consistir em bases para a afirmação de que a nova medicina possuiu uma importante efetividade prática. É justamente esse movimento de um saber que extrapola as fronteiras das faculdades para, de alguma forma, atuar no cotidiano de homens e mulheres aquilo que se procurará apreender do estudo do *Livro sobre a Conservação da Saúde*, constitutivo do capítulo seguinte.

### **A multiplicação dos Pedros**

Por ora, algumas palavras acerca da autoria dos textos de Pedro ainda se fazem necessárias. Pairam dúvidas em torno da atribuição de um tão vasto conjunto de textos à pena de um só autor. Algumas delas poder-se-iam instantaneamente dissolver caso fosse possível demarcar com precisão a data de nascimento de Pedro Hispano e se se pudessem esboçar mais definidas imagens de seu percurso acadêmico. Entretanto, a fixação de tais referenciais é hoje impossível, acrescentando entraves à jornada do estudioso do autor medieval. Está ele nesse ponto forçado a mover-se num campo onde o chão da certeza é areia movediça, onde,

sendo mais claro, a investigação profunda conduz a um quadro em que as obras do *corpus* petrínico são distribuídas entre autores vários e a identificação de cada um desses autores a outro é tarefa extremamente complicada.<sup>7</sup>

Angel D’Ors (1997), penetrando fundo no debate relativo à autoria dos textos de Pedro Hispano, demonstrou recentemente que o *Tractatus*, texto lógico de grande repercussão no meio universitário dos séculos XIII ao XV (repercussão da qual deriva, em boa medida a fama do nome Pedro Hispano), deve ser atribuído a um hispânico, membro da ordem dominicana da primeira metade do século XIII. A tese vai de encontro à tendência universalmente estabelecida que afirma ser o autor do texto o Papa João XXI. Os argumentos utilizados a seu favor são vários e se sustentam sob uma vasta pesquisa documental, a qual abarca as diferentes tradições literárias que colocaram em questão a autoria do *Tractatus*. D’Ors ressuscita um antigo debate acerca do autor do texto e afirma a clara impossibilidade da atribuição do *Tractatus* a João XXI. Analisando, por exemplo, representações pictóricas do Canto 12 do Paraíso da Divina Comédia, gravadas no século XV, chama a atenção para o fato de que ninguém na cena pintada porta a tiara de que o artista Giovanni di Paolo (1399-1482) utiliza-se para caracterizar os papas. Ao examinar o *Thesaurus pauperum*, afirma ser o perfil do autor do *Tractatus* distinto do perfil do autor do *Thesaurus*, achando nessa diferença mais uma evidência da impossibilidade de identificação entre os autores dos dois textos. Investigando a tradição dos manuscritos do *Tractatus* e a de seus comentadores, percebe a ausência de referências diretas ao papa João XXI nos manuscritos do *Tractatus*. Isso contrasta com o que foi usual aos manuscritos do *Thesaurus pauperum*, nos quais freqüentemente se podem encontrar referências explícitas ao título papal de seu autor.

---

<sup>7</sup> Na verdade, mesmo a identificação entre o Pedro Hispano, médico e autor de vários comentários médicos, e Pedro Julião, português que seria em 1276 o Papa João XXI é passível de questionamentos. Um deles poder-se-ia levantar a partir da análise da documentação relativa à carreira eclesiástica do futuro João XXI. J. F. Meirinhos (1996, p. 58) chamou a atenção para o fato de que nesse corpo documental, o qual abrange um período que vai de 1250 a 1273, em nenhum momento são mencionadas “atividades científicas” de Pedro Julião.

Essas e outras evidências ajudam a desmontar as cadeias que promovem a identificação entre dois autores, que, de acordo com D’Ors, são distintos. Mas ele não se contenta em simplesmente demonstrar a existência do problema. Parte também à procura de pistas que sugiram um autor diverso para o *Tractatus* e as encontra em uma antiga tradição que procurou identificar o autor desse texto à ordem dominicana. É vasculhando essa tradição que encontra referências à existência de uma tumba no Convento de São Domingos de Estela (Navarra) com a inscrição: “*Hic iacet reverendus pater magister fr. Petrus Hispanus, auctor Summularum*”. De acordo com D’Ors, essa tumba comprova o pertencimento do autor do *Tractatus* à ordem dominicana. No passo seguinte, aponta algumas hipóteses para uma possível identificação entre o autor do *Tractatus* e a ordem dominicana na região da Navarra, sugerindo que aquele pudesse ter sido um homem chamado Pedro Ferrando, ou outro, conhecido como *Petrus Hispanus conversus*. Simon Tugwell (1999), em resposta às identificações sugeridas, apresenta uma refutação que afirma a impossibilidade de os “Pedros” apresentados por D’Ors terem sido o autor do *Tractatus*. Para Tugwell, nenhuma das identificações sugeridas por D’Ors é válida pois os autores possíveis ou não se adequam aos elementos elencados pelo último para definir a autoria do *Tractatus*, ou não mantiveram ligações com a ordem.

Tateando a mesma polêmica, José Francisco Meirinhos (1996) propõe um desmembramento de autores que deve ser, no mínimo, triplo. Ele afirma que a tradição que procurou associar diversos textos do século XIII ao Papa João XXI equivocou-se pelo menos no tratamento de algumas das obras. Para Meirinhos, a tese do autor único não resiste ao procedimento da comparação entre os vários textos atribuídos a Pedro Hispano, procedimento que revelaria diferenças inconciliáveis entre eles. Defende então o princípio da “não identidade de autores” e procura fortalecê-lo por dois canais diferentes: um dirigido a problematizar a biografia do(s) autor(es) e outro para o qual interessa uma análise comparativa das obras atribuídas a Pedro Hispano.

Num primeiro momento, pois, analisa dois grupos de documentos diferentes: um, de Siena, Itália, relativo a um tal *Petrus Yspanus*, físico que certamente ensinou na universidade de Siena durante o período em que o imperador Frederico II deteve soberania sobre a cidade, o qual revela, em alguns momentos, um personagem com dificuldades financeiras; e um segundo, concernente a um *Magister Petrus* umas vezes chamado *Juliani* que foi o Deão da Sé de Lisboa e, posteriormente o Papa João XXI. Nesse segundo grupo de documentos emerge a figura de um Pedro Hispano que tem uma carreira eclesiástica em ascensão e que goza de prestígio na corte do rei Afonso III de Portugal. Meirinhos extrai do contraste entre as informações trazidas por esses dois grupos de documentos um elemento de suporte à sua tese da diferenciação dos autores. Para ele, é estranho o fato de o Pedro, que sobrevivia em Siena à custa de dificuldades financeiras, aparecer pouco tempo depois em Portugal numa circunstância contra a qual o tormento financeiro não parecia fazer a menor sombra.

A análise comparativa das obras de Pedro Hispano revela, por seu turno, uma série de elementos também inconciliáveis em uma única biografia. A comparação entre o *Comentário al De anima* e o *Scientia libri de Anima*, ambos atribuídos ao autor, mostra divergências profundas em pontos essenciais. Os textos divergem sobre diversos temas: natureza da alma, relação do corpo com a alma, natureza do cognoscível, interpretação dos pré-aristotélicos, entre outros, tornando dificultosa a tese do autor único. Uma outra comparação entre o *Comentário ao De anima*, a *Expositio librorum Beati Dyonisii* e a *Scientia libri de Anima* poderia indicar um caminho, cronologicamente plausível, no qual o texto místico da *Expositio* poderia servir de ponte entre os interesses naturalísticos do *Comentário ao De Anima* e as preferências especulativas e simbólicas da *Scientia*. Contudo essa datação, muito embora amparada por suporte documental, tem que lidar com o fato do regresso às preocupações naturalistas dos escritos médicos – nitidamente mais tardios em relação aos outros textos – que estariam na contramão da evolução intelectual mencionada. Portanto, a tentativa de

montar aquilo que Meirinhos denomina “puzzle” Pedro Hispano leva-o na direção de uma hipótese que pulveriza a autoria dos textos entre vários Pedros. Ele sugere especificamente três. Ao primeiro se atribuíam os textos lógicos e teológicos, como o *Tractatus* e a *Expositio*, ao segundo os textos filosóficos, como a *Scientia libri de Anima* e ao terceiro os comentários, receituários médicos e regimentos de saúde. É esse terceiro Pedro aquele que com alguma plausibilidade pode ser identificado ao Papa João XXI.

Os partidários da idéia da distribuição dos textos de Pedro Hispano entre vários Pedros, todavia, parecem não ressaltar um ponto importante para a discussão da autoria na Idade Média. Parece pequena a importância dada por eles às diferenças entre a autoria medieval e a moderna. Durante a Idade Média, a idéia de um indivíduo como autor de um texto está submetida a formas de organização social que se sustentam pelo princípio da comunidade e não pelo do indivíduo. Desse modo, o texto é um bem coletivo e seu autor é uma espécie de instrumento da ação divina. O saber é entendido como que formando um *continuum* o qual pode ser acrescido de novas informações. Assim se entende, por exemplo, o costume dos copistas de aderir ao texto copiado novos dados, interpolando sem culpa o texto original. Não é que não tivesse importância o autor do texto. A questão é que a própria natureza das relações entre texto e autor é diversa da moderna, denotando um desprendimento entre ambos que pode ser claramente enxergado no costume de não se marcar nos textos o nome de seu autor. Essa particularidade da autoria medieval abre o caminho para a especulação de que os textos de Pedro Hispano pudessem ter sido escritos sob o regime de autoria coletiva, cujo exemplo mais ilustre no século XIII é o do *scriptorium* alfonsino. Alfonso X, rei de Castela, aproveitando traços deixados pelo domínio árabe, transformou Toledo e Sevilha em importantes centros de saber onde equipes, supervisionadas pelo próprio monarca, confeccionaram textos mágico-científicos e jurídicos de importância considerável, como o *Lapidário*, as *Tabulae Alphonsi* e as *Siete Partidas*. (Pedrero-Sánchez, 2000)

## CAPÍTULO 2

### MEDICINA UNIVERSITÁRIA E SOCIEDADE NA EUROPA DO SÉCULO XIII: REFLEXÕES EM TORNO DE UM TEXTO MÉDICO DE PEDRO HISPANO

Parte do conjunto de textos médicos de Pedro Hispano é constituída por tratados práticos de higiene e de dietética escritos com o fito de apontar meios para a conservação da saúde. A hipótese deste capítulo é a de que até mesmo em textos dessa natureza pode-se notar a presença de alguns dos elementos de transformação que impulsionavam a renovação médica da Baixa Idade Média e que forçavam a reelaboração do conteúdo do vínculo entre medicina e sociedade. No século XIII, conforme foi apontado anteriormente, o aparecimento da medicina universitária converte-se num fenómeno de grande importância para a aceleração da marcha de reencontro de dois campos do conhecimento divorciados na Alta Idade Média ocidental: o saber e médico e a filosofia natural. Nesse reencontro, efetuava-se o forjar de uma nova medicina e de novas formas correspondentes de exercício da prática médica. Os textos de Pedro estão contidos nesse impulso transformador. Destacaremos aqui um deles, o *Liber de*

*Conservanda Sanitate*, numa tentativa de perceber traços do caminho para o qual aquele impulso empurrava o pensamento e a prática médica da época.

Há uma certa tendência entre aqueles que estudaram a obra de Pedro Hispano em considerar o *Livro sobre a Conservação da Saúde* como exemplar de um gênero da literatura médica muito difundido no século XIII: o dos regimentos de saúde. Embora a indicação de dietas e a compilação de receitas terapêuticas já tivessem sido preocupações centrais em muitos textos médicos desde a Antigüidade, é o *Regimento de Saúde de Salerno*<sup>8</sup>, escola médica italiana nascida no século XI – onde pela primeira vez desde os princípios da Idade Média processou-se um encontro entre a dimensão empírica, característica de toda prática médica, e um quadro teórico amplo, oferecido pela filosofia natural – que vai fornecer a inspiração mais direta aos regimentos compostos no século XIII. (Tavares de Sousa, 1996, p. 183-184) Os regimentos, no mais das vezes, comportam intenções preventivas e muitos deles foram escritos sob a encomenda de monarcas preocupados com a melhoria das condições de saúde das populações que governavam. O *Livro sobre a Conservação da Saúde* é formado pela reunião de três opúsculos, sendo que só entre os dois primeiros parece haver alguma complementaridade. A edição de que nos utilizaremos foi organizada e comentada por Maria Helena Rocha Pereira (1973), a partir do manuscrito CLM 615<sup>9</sup> guardado na cidade de Munique, um dos sete manuscritos conservados até o presente.

O primeiro opúsculo, *Suma da Conservação da Saúde*, versa sobre a saúde do corpo em geral. Inicia-se por algo semelhante a um pequeno prólogo em que é estabelecida a finalidade de reunir observações sobre a conservação da saúde. Nele também é apresentada uma espécie de conceito de saúde, como “disposição que conserva o que é natural no homem,

---

<sup>8</sup> O *Regimen Sanitatis Salernitanum*, composto por volta do século XIII, permaneceria sendo reconhecido como clássico do saber médico até o século XVI. (CROMBIE, 1993, p. 204) É interessante notar que esse regimento foi escrito em versos de maneira a tornar mais fácil a memorização de receitas.

<sup>9</sup> *Codex Latinus Monacensis*.

segundo o curso da natureza”. (LCS, p. 446)<sup>10</sup> Sucede a essa primeira parte um conjunto de conselhos gerais como, por exemplo, sobre a necessidade de exercícios matinais ou sobre os malefícios da alimentação na ausência de vontade de comer. O outro conjunto de orientações relativas a esse primeiro opúsculo diz respeito a como se deve proceder em cada uma das estações do ano com o fim de preservar a saúde. Aqui as estações são apresentadas de acordo com a tipologia emprestada pela tradição médica grega para a qual cada uma delas é dotada da combinação de duas das quatro qualidades fundamentais das substâncias. A primavera é a estação quente e úmida; o verão, a quente e seca; o outono, a fria e seca; e o inverno é a fria e úmida. A receita para a saúde em cada uma das épocas do ano baseia-se no reconhecimento de que as diferentes estações, por possuírem qualidades diferentes, estimulam o excesso de determinados humores no organismo.<sup>11</sup> As receitas estão basicamente relacionadas a o que se deve comer e a como se deve tomar banho, de maneira a contrabalançar o estímulo natural para a produção de determinados humores em cada estação. No verão, por exemplo, é recomendado cuidado quanto às substâncias quentes e secas, como alho, pimenta e vinho forte. Em contrapartida, é aconselhada a ingestão de alimentos frios e úmidos, tais como carne de vitela e de frango, uvas maduras e figos. São recomendados também, para os meses de junho e julho, banhos em água fria após a alimentação. (LCS, p. 450-452)

Ao propor uma explicação para os estados de saúde e doença nos termos de um equilíbrio ou desequilíbrio entre os quatro humores corpóreos, Pedro Hispano pode ser situado como um autor daquela tradição que buscou aproximar a prática médica da filosofia natural. Quando Pedro enfatiza a necessidade de equilíbrio entre os líquidos fundamentais do corpo para a conservação da saúde, ele está a fornecer uma explicação que se dirige às doenças inicialmente por intermédio da procura de causas. Disso se pode inferir que a intervenção

---

<sup>10</sup> A sigla LCS será daqui por diante utilizada para a referência ao *Liber de Conservanda Sanitate* de Pedro Hispano. A edição empregada para citações é a já mencionada edição das obras médicas de Pedro Hispano de 1973, por Maria Helena da Rocha Pereira.

<sup>11</sup> Sobre a chamada teoria dos humores ver mais adiante, p. 29-30.

médica, quando necessária, só poderia se dar dirigida pelo estabelecimento prévio das causas da moléstia. Instaura-se, pois, uma certa submissão da ação à causalidade natural, da terapêutica à diagnose, na medida em que o agir médico seguro é identificado à investigação daquilo que acarretou o quadro de disfunção no paciente. Isso obviamente não quer dizer que a medicina tivesse se tornado uma área do saber radicalmente secularizada. A questão é que se parte agora para a procura de causas naturais no interior de uma ordem nitidamente percebida como montada por desígnio divino, o que, aliás, por se constituir no cerne da ordenação aristotélica do universo, ajuda a explicar sua penetração na tradição escolástica medieval. No interior de uma ordem universal percebida dessa maneira, os elementos constitutivos habitualmente relacionam-se tendo como base características intrínsecas a eles. As intervenções divinas nessas relações pertencem a um domínio que não é o do cotidiano. A colocação da indagação acerca das causas dos fenômenos nesses termos, diga-se de passagem, deixa, no campo específico da medicina, muito pouco espaço para a presença de elementos explicativos de natureza mágica. (Grant, 1996, p. 137)

É bom que fique claro que essa forma de medicina não foi uma novidade trazida à tona pelos homens da Idade Média. De fato, a elaboração de uma causalidade natural para a medicina e a sua integração nos quadros de formulações teóricas mais gerais foi obra dos pensadores médicos da antiga Grécia. Entre os séculos V e IV a.C. surge uma tradição que virá transformar significativamente o saber e a prática médica.<sup>12</sup> Essa tradição está associada ao nome de Hipócrates de Cós (460-370 a.C.). Na verdade, é bastante provável que o conjunto dos textos atribuídos a Hipócrates tivesse sido montado com a colaboração involuntária de autores diversos mais tarde fundidos na imagem hipocrática. A análise desses textos, deixado de lado o problema da autoria, aponta para uma realização inédita até então: a adaptação da causalidade natural à medicina. Isso se concretizava na tendência a afastar do estoque de

---

<sup>12</sup> A elaboração dessa rápida exposição introdutória acerca da medicina grega é baseada majoritariamente no trabalho de David C. Lindberg acerca das origens da ciência moderna. (1992, p. 111-131)

explicações disponíveis sobre a natureza e evolução das doenças a idéia de determinação divina.

À medida que compunham o quadro de uma medicina de algum modo afastada da causalidade sobrenatural, os hipocráticos faziam com que se acelerasse um processo de diferenciação no seio da prática médica de então. Provocavam a emersão de uma medicina de tipo novo, que procurava argumentar por sua superioridade com relação às práticas médicas tradicionais. A estratégia utilizada em muitas medidas assemelha-se à que seria empregada tempos depois pelos físicos europeus do século XIII. Era preciso demarcar um lugar acima dos outros na hierarquia da prática médica, que servisse especificamente para abrigar aqueles adeptos da nova medicina. Na Grécia de Hipócrates, serviram a essa finalidade a ênfase no procedimento da prognose (a previsão de um curso de desenvolvimento provável para a doença diagnosticada) e a prática do juramento hipocrático, ambas atuando como formas de caracterização daquele grupo especial de curandeiros em busca de destaque social. Em uma passagem do *Sobre a doença sagrada*, o autor hipocrático pode ajudar a esclarecer o quanto essa estratégia de diferenciação articulava-se coerentemente com a premissa da causalidade natural anteriormente referida. O que se percebe neste trecho é uma crítica veemente à atribuição de uma causa não natural um tipo determinado de distúrbio (cujos sintomas são semelhantes aos atuais epilepsia, apoplexia e paralisia cerebral). Embora a natureza mesma fosse entendida como divina, a doença não poderia ser imputada diretamente à ação de divindades. A argumentação, cujo efeito é a valorização da nova medicina, empreende aqui uma associação negativa entre as práticas médicas habituais dos curandeiros, baseadas num aprendizado estritamente empírico de saberes tradicionais, e a causalidade sobrenatural, entendida como ferramenta de auxílio à prática médica desabonada pelos avanços alcançados pelo outro gênero de medicina que se afirmava:

“(…) aqueles que primeiro chamaram de sagrada essa doença eram o tipo de pessoa que hoje denominamos bruxos, curandeiros, charlatões e impostores. (...) Invocando um elemento divino, eles podiam maquiavar seu fracasso em oferecer contra ela um tratamento adequado e então, para dissimular sua ignorância, puseram-se a chamá-la de ‘sagrada’.”<sup>13</sup>

A medicina hipocrática estrutura-se de maneira a embasar o fornecimento de explicações sobre os estados de saúde e doença, caracterizadas pela não recorrência a determinações diretas de ordem sobrenatural. Isso impunha a necessidade de elaboração de um quadro explicativo racional e universal capaz de orientar a ação do praticante de medicina. Esse quadro era formado fundamentalmente pelo que se poderia denominar de “teoria dos humores”. A teoria dos humores associa o aparecimento de doenças a desequilíbrios entre os quatro fluidos constitutivos do corpo humano: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. Saúde corresponde a um estado de harmonia em que os humores existem na proporção adequada. A doença surge quando há excesso ou escassez de um dos líquidos. Seu tratamento consiste na indução do retorno do equilíbrio perdido. Cada um dos humores era ligado a uma qualidade: calor, frio, umidade e secura, as quais caracterizavam as quatro estações do ano. A cura, quando possível, seria decorrência do rebalanceamento das quantidades dos fluidos. Para acelerá-la, recomendava-se a ingestão de alimentos portadores daquela qualidade capaz de induzir um redimensionamento das proporções entre os humores, tendo-se sempre em consideração a estação do ano em que se procedia o tratamento. Assim, o sangue, humor quente e úmido, aumenta na primavera, estação do calor e da umidade combinados, e tende a alterar o equilíbrio corpóreo, rebalanceável pela ingestão de alimentos de qualidades contrárias, frios e secos.

---

<sup>13</sup> A tradução é minha. O trecho é apresentado por David C. Lindberg (1992, p. 115-116) em versão inglesa: “that those first called this disease “sacred” were the sort of people we now call witch-doctors, faith-healers, quacks and charlatans. (...) By invoking a divine element they were able to screen their own failure to give suitable treatment and so called this a “sacred” malady to conceal their ignorance of its nature.”

A teoria dos humores é um sistema de explicações perfeitamente adaptável ao modelo de cosmos da filosofia natural de Aristóteles. Aristóteles não se preocupou em oferecer respostas à questão da gênese do universo. Para ele, essa questão era desprovida de relevância, uma vez que considerava a eternidade (ou seja, a qualidade de algo que se situa fora do fluxo do tempo e que, conseqüentemente, não possui nem princípio nem fim) a marca fundamental do universo por nós conhecido. Embora desconsidere a problemática relativa à origem, sua filosofia natural apresenta um modelo que explica a existência daquilo que se considerava os quatro elementos fundamentais do mundo sublunar: a terra, a água, o ar e o fogo. De acordo com Aristóteles, tais elementos surgem de um substrato original, a *matéria prima*, cuja existência só pode ser percebida quando se encontra associada a determinadas qualidades. O quente, o frio, o seco e o úmido são essas qualidades e toda matéria perceptível resulta do arranjo entre matéria prima e pares dessas qualidades, desde que na combinação desses pares não haja antagonismo – pois uma coisa não pode ser quente e fria ou seca e úmida ao mesmo tempo. (Grant, 1996, p. 55-56) A clara adaptabilidade de um sistema de explicações acerca do funcionamento do corpo humano a um modelo teórico mais geral, empregado para a compreensão do funcionamento do universo, tornou possível que a medicina se aproveitasse de todo um conjunto racional de saberes constituído em outro campo do conhecimento. A esses saberes deve ser tributado não só um salto de desenvolvimento que se processa tanto no plano do conhecimento teórico, quanto no das técnicas de intervenção médica na luta contra enfermidades. Deve a medicina à filosofia natural também parte do prestígio social alcançado pela adoção do discurso teórico em formações sociais que valorizavam tais modelos discursivos.

A ênfase do *corpus* atribuído a Hipócrates situa-se basicamente no campo de uma teoria patológica capaz de explicar a natureza e as causas das enfermidades e de apontar soluções terapêuticas que pudessem auxiliar a cura. A lacuna no que diz respeito à anatomia e

à fisiologia é visível. Ela seria preenchida por Herófilo (morto em mais ou menos em 250 a.C.), no primeiro caso, e por Erisítrato (nascido em 304 a.C.), no segundo. Não se conhecem textos desses autores, mas sùmulas de suas idéias e observações constam com freqüência nas obras de Galeno. Galeno (129-210?), nascido em Pérgamo, na Ásia Menor e, posteriormente, médico do imperador romano Marco Aurélio, é o segundo principal marco da medicina antiga. Algumas de suas teorias médicas só caíram em desuso após o Renascimento, o que ilustra a importância de seu legado. Sua obra é uma síntese do conhecimento médico do mundo helenístico de então e caracteriza-se pela apropriação de elementos de correntes médicas e filosóficas diversas, com especial destaque para a filosofia natural de Aristóteles. Da tradição hipocrática retirou a teoria dos humores, buscando articulá-la à natureza das estruturas vitais do corpo humano. Os quatro humores combinar-se-iam para formar os tecidos, os quais constituiriam os órgãos. A teoria hipocrática a respeito das doenças é ampliada de maneira a encará-las não somente como resultante de desequilíbrios entre os fluidos fundamentais, mas também como manifestações de um estado de coisas atípico no interior de órgãos particulares. O corpo humano surge no topo dessa hierarquia de estruturas que, uma vez montada, abria caminho para a elaboração de explicações sobre a natureza de suas partes e sobre os processos fisiológicos pelos quais a interação entre essas partes produz a vida. Os conhecimentos nas áreas da anatomia e da fisiologia que ganharam impulso desde o século III com Herófilo e Erisítrato são por ele incorporados e redefinidos. As funções vitais dependiam daquela harmonia entre os humores, mas eram agora vistas como sustentadas também pela produção e pelos movimentos de três espíritos ou pneumas, alimentados através do ar e dos alimentos: o espírito animal do cérebro, identificado como fonte dos nervos; o espírito vital do coração, fonte das artérias; e o espírito natural do fígado, fonte das veias.

A medicina medieval, portanto, herda da Antigüidade clássica suas teorias médicas. Contudo, entre os séculos III e XII a Alta Idade Média impele o saber médico para

longe do campo da filosofia natural. Nesse período, o acesso aos textos greco-romanos é dificultado em virtude do fato de não se dispor deles senão de maneira fragmentária. O estudo da medicina desloca-se essencialmente para as instituições eclesíásticas e esteve ligado às necessidades práticas de prover de cuidados médicos comunidades religiosas, assim como às obrigações postas pelo ideal cristão de caridade. (O'Boyle, 1994, p. 165) É a partir do século XII, em boa medida como conseqüência das transformações acionadas pelo incremento comercial, que esse quadro conhecerá alguma reversão. Quando os textos da escola hipocrática e de Galeno foram traduzidos para o latim, no meio do esforço geral de tradução de obras gregas e árabes que tomou conta de importantes centros intelectuais do Ocidente europeu nos séculos XII e XIII, um dos resultados foi uma certa religação. A Europa de então se apropriava de uma herança, a da rica tradição na qual a medicina estava entrelaçada à filosofia natural, engrossada ainda pelo esforço intelectual árabe, que a tinha feito avançar em vários pontos. (García-Ballester, 1994, p. 12) O primeiro espaço privilegiado desse processo foi Salerno, escola médica que tem suas origens no século XI italiano. Em Salerno, uma grande concentração de hábeis praticantes de medicina tornava a cidade referência no que tange ao aprendizado médico. Tudo indica que os estudantes que procuravam em Salerno aprender as artes médicas não encontravam uma escola formalmente estabelecida, pelo menos até a metade do século XII, e que tal aprendizado era exclusivamente prático. Entretanto, já ao final do século XI alguns físicos ligados a esse centro de saber produziam textos, que, com o passar do tempo e com a ampliação dos contatos com as tradições médicas antigas e árabes, vão ganhando um caráter cada vez mais teórico. (Lindberg, 1992, p. 325-326) A estrutura do ensino universitário medieval favorecia ainda mais essa aproximação. A passagem por uma faculdade de artes, *locus* por excelência da filosofia natural, era, conforme o exposto no capítulo anterior, geralmente um pré-requisito para o ingresso nas faculdades de medicina, o que garantia que o físico formado nas faculdades tivesse necessariamente que dispor de alguns

conhecimentos fundamentais acerca da teoria aristotélica do funcionamento integrado do universo.

Enquanto o primeiro dos opúsculos formadores do *Livro sobre a Conservação da Saúde* de Pedro Hispano trata da saúde do corpo em geral, o segundo, *Coisas que fazem bem e mal*, traz um conjunto de recomendações relacionadas à saúde dos órgãos particulares do corpo. Aqui, os órgãos mais importantes do corpo humano são apresentados um a um. Essa apresentação obedece a uma determinada hierarquia: o cérebro e os demais órgãos da cabeça são os primeiros a ser descritos. Logo depois se passa aos órgãos do tórax, do abdômen e, por fim, chega-se aos membros superiores e inferiores. Para quase todos os órgãos há uma definição envolvendo sua natureza e função. O cérebro, por exemplo, é descrito como “órgão principal, nobre, esponjoso, de cor branca composto de três partes, base de todo o corpo, e denominado sede da alma pelos profetas.”(LCS, p. 454) Já o coração é definido como um “órgão côncavo, cavernoso em baixo, amplo em cima, e termo de todas as operações da alma racional, segundo o testemunho de Galeno”, (LCS, p. 462) ao passo que o fígado é tido como “um órgão principal, funcional, oculto por veias e artérias, colocado ao serviço da natureza e repleto dos quatro humores naturais.”(LCS, p. 466) Seguindo a definição dos órgãos, o autor lista substâncias (alimentos e medicamentos terapêuticos) que a eles fazem bem e mal.

O opúsculo final de Pedro Hispano, *Preservação da Saúde*, parece um pouco deslocado dos demais. Que os dois primeiros opúsculos possuem algum encadeamento lógico em suas exposições fica bastante claro quando, ao início da segunda parte, o autor menciona que “depois de se ter considerado em geral a saúde do corpo, deve passar-se, se Deus o conceder, para a saúde dos órgãos (...)” (LCS, p. 454) Nessa terceira parte, constam recomendações gerais acerca da preservação da saúde, principalmente relacionadas à alimentação. Saúde aqui parece derivar em grande medida da saúde particular do estômago. A preocupação em condenar os excessos alimentares é clara. Pedro Hispano remete o leitor à

máxima de Galeno segundo a qual enquanto alguns comem para viver, outros tantos vivem para comer, deixando implícito que a alimentação exagerada pode alterar a proporção entre os humores e com isso facilitar o aparecimento de doenças. Em seções específicas dessa parte aparecem também indicações de exercícios facilitadores da digestão, bem como recomendações acerca da melhor maneira de dormir e do tipo de banho que se deve tomar para finalidades determinadas. Encerra o texto a menção a ações e substâncias eficazes no tratamento contra venenos e contra algumas moléstias, como a denominada “excesso de calor”, uma doença que se manifestava através dos sintomas de inquietação, falta de sono e sede excessiva, cujo tratamento poderia ser feito pela ingestão de, entre outras coisas, leite frio de amêndoas, ameixas e açúcar. (LCS, p. 488)

As maneiras de conservar a saúde apresentadas no livro de Pedro Hispano, em geral, têm por objetivo propiciar o fortalecimento do corpo para dificultar o desenvolvimento de doenças. As prescrições têm o caráter de medidas práticas que podem ser tomadas independentemente de uma reflexão causal. Contudo, tais conselhos, embora sejam assim colocados, apresentam-se embebidos da mais fina teoria médica vigente no século XIII. A preocupação com a conservação da saúde gera o que se poderia chamar de medicina preventiva, um conjunto de conhecimentos direcionado à melhoria das condições de saúde. Já ao início do *Livro sobre a Conservação da Saúde*, Pedro Hispano destaca essa intenção:

“Considerando eu, Pedro Hispano, que os diversos padecimentos mórbidos se originam no corpo por negligência, encontrei e provei com razão verdadeira algumas observações úteis e experimentadas para conservar a saúde da vida humana, as quais se não encontram no seio da arte da Medicina. Uma vez que é melhor preservar a saúde do que lutar com a doença, deve tratar-se da dita saúde”. (LCS, p. 446)

Essa medicina voltada para a prevenção somente se poderia constituir num contexto em que o conhecimento das causas das doenças elaborava-se em torno de um

método capaz de estabelecer uma racionalidade ampliada, a qual garantisse a integração dos saberes dispersos numa teoria que aumentasse as possibilidades de ação do físico. É esse ímpeto agregador aquele propiciado pela filosofia natural que se infiltrava nas tramas da arte médica. A prevenção como tônica do texto de Pedro ilustra uma situação em que se podem sistematizar enfermidades, suas causas e seus tratamentos. Ela pode ser tomada como uma das marcas da nova medicina que se afirmava nas universidades européias do século XIII. Pode também apontar para alguma modificação nas relações entre medicina e sociedade, pois a relevância dada aos aspectos preventivos por si mesma promove a emergência de novas percepções sociais acerca do papel do físico e de seu modo de ação profissional.

A forma da institucionalização do saber médico tomou um rumo no qual a teoria era colocada como elemento fundamental. Todavia, a crescente familiaridade que ressurgia entre a medicina e filosofia natural não era exclusivamente um ganho que se processava em virtude da “curiosidade intelectual” ou do “altruísmo médico” dos homens do século XIII. (Lindberg, 1992, p. 330) Era também uma tentativa de sair de um impasse característico do saber médico na Baixa Idade Média – impasse semelhante àquele enfrentado pela tradição hipocrática séculos antes. Na verdade, a medicina dessa época é o único ramo do conhecimento ligado ao ensino universitário em que os estudantes têm de competir no mercado com praticantes não formados nas faculdades. Inicialmente inexístiam fronteiras capazes de definir quem podia e quem não podia exercer a prática médica. Nesse contexto, os mestres empenhavam-se em proteger o espaço profissional de seus alunos, criando argumentos que defendiam o status da medicina universitária. Tais argumentos eram sustentados em Aristóteles, autoridade que poderia afirmar a validade do conhecimento médico nos moldes ensinados pelos mestres. Aristóteles já tinha destacado a necessidade de um conhecimento teoricamente orientado para uma prática médica segura. O uso de argumentos dessa ordem obrigava a aproximação entre o saber médico e a filosofia natural.

Para que fosse considerado verdadeiro o saber produzido pela medicina, ele tinha que, de alguma maneira, integrar-se ao corpo de princípios que, de acordo com Aristóteles, dirigiam os processos naturais. (O'Boyle, 1994, p. 169-171) As vantagens sociais para a medicina eram evidentes: ao aprenderem a falar o idioma de Aristóteles, ou seja, ao recomeçarem a traduzir suas preocupações práticas nos quadros fornecidos pela filosofia natural, os físicos punham em curso uma estratégia de diferenciação com relação aos demais praticantes de medicina. A filosofia natural aqui aparece como uma ponte para o reconhecimento social da medicina das universidades. A Europa ocidental revigorada do século XIII apresentava níveis de crescimento populacional e de enriquecimento de alguns grupos sociais que ampliavam a demanda por serviços médicos. O idioma de Aristóteles funcionava como uma forma de comunicação entre o segmento dos médicos treinados nas universidades e alguns setores, principalmente da elite urbana, que também haviam tido experiência universitária e que agora assumiam postos relevantes na direção política de cidades e Estados.

Mas uma questão crucial, aquela que pergunta pelos níveis de permeabilidade entre as transformações vivenciadas pelo pensamento médico e a sociedade européia ocidental do século XIII, permanece intocada. Entre 1310 e 1329 em Paris, havia 207 praticantes de medicina regulamentados, sendo que somente 84 eram físicos com instrução universitária e 26 eram mestres-cirurgiões. Para uma população que em 1328 girava em torno dos 200.000 habitantes, tais números apontam que a grande maioria dos habitantes de Paris ainda recorria aos tradicionais curandeiros quando necessitava de cuidados médicos. (O'Boyle, 1994, p. 158) O dado faz tender a resposta para a negativa, pois é justo pensar que as parcelas populacionais que tinham acesso a físicos formados nas universidades fossem ainda menores no século XIII e em outras áreas européias menos desenvolvidas.

Todavia, a rápida difusão da forma universitária de ensino da medicina no século XIII permite iniciar uma constatação contrária. A dispersão dos médicos com experiência

universitária pelo território europeu ajuda a fortalecê-la. De fato, os físicos que haviam passado pelas recentes faculdades de medicina logo se espalharam por todo o continente. Na Península Hispânica, uma das fronteiras da Europa, onde no século XIII ainda não haviam sido fundados centros universitários de ensino médico, a presença deles é bastante perceptível. Pode-se depreendê-la, por exemplo, da leitura de algumas cantigas de escárnio e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses. Uma delas satiriza um tal Mestre Nicolau, físico dos reis de Castela e Leão de meados do século XIII a 1306 e que, por alguma razão, parece ter atraído a zombaria de diversos trovadores de sua época. Depara-se aqui, deixando de lado o julgamento do autor da cantiga<sup>14</sup> acerca das qualidades profissionais do médico, com uma representação que documenta a presença dos físicos das universidades – no caso o médico havia estudado em Montpellier – numa região distante dos espaços de formação de médicos universitários e que, por isso, é de grande valor na consideração das inter-relações entre a nova medicina e a sociedade no interior da qual ela se afirmava. Assim se inicia a cantiga:

Meestre Nicolas, a meu cuidar,  
 é mui bom físico; por non saber  
 el assi as gentes ben guarecer,  
 mais vejo-lhi capelo d`Ultramar  
 e trage livros bem de Mompisler;  
 e latin come qual clérigo quer  
 entende, mais ñono sabe tornar;  
 (Rodrigues Lapa, 1970, p. 75)

A afirmação de que a nova medicina forçou alguma redefinição no papel dos curandeiros tradicionais, que passarão a viver dias menos tranquilos à medida que o novo modelo de profissional médico vai ganhando o posto de modelo oficialmente reconhecido pelas autoridades seculares, parece também ser dotada de bastante plausibilidade. Deve-se destacar que esse novo modelo afetava também a prática profissional dos mestres-cirurgiões.

---

<sup>14</sup> Afonso Eanes do Coton.

Os mestres-cirurgiões constituíam um grupo de praticantes de medicina os quais, muito embora ocupassem, em virtude do fato de não possuírem experiência universitária, um patamar inferior em relação aos físicos das universidades na hierarquia médica, assim como eles recebiam um treinamento de algum modo formalizado. A crescente presença da medicina universitária influenciou Guglielmo da Saliceto (1210-1276/80), cirurgião italiano. Ele obteve seus conhecimentos médicos em Bolonha, estudando com mestres que forneciam instrução a estudantes, mas que, no entanto, não chegaram a estabelecer uma faculdade. Apesar de não ter tido contato com o mundo universitário, Guglielmo incorporava em seus textos sobre cirurgia muitas das transformações pelas quais então passava o pensamento médico. Apresenta neles uma divisão da medicina em *scientia operativa*, que comportaria um saber prático, incluindo especialmente aquele ligado às técnicas cirúrgicas, e a *pars theoretica*, esta em diálogo mais direto com a filosofia natural. Essas duas dimensões estariam em interação constante, uma vez que procedimentos provenientes do campo da experiência são unidos por Guglielmo a critérios racionais mais gerais. No relevo emprestado a tais critérios dentro dessa “epistemologia concreta” pode-se enxergar a infiltração da nova medicina em modelos de exercício da prática médica diversos daquele que as faculdades tentavam afirmar. (Agrimi & Crisciani, 1994, p. 65-70)

Da mesma forma, o interesse demonstrado por muitos conselhos municipais – e não só de grandes cidades – da Península Itálica e dos territórios das atuais França e Espanha em estabelecer contratos com físicos e cirurgiões formados pelas escolas e faculdades de medicina revela já na primeira metade do século XIII formas possíveis de acesso às conseqüências da renovação médica não limitadas a elites. (García-Ballester, 1992, p. 177) Tudo isso faz crer que o esforço intelectual de ampliar a capacidade explicativa da medicina e com isso melhorar suas condições de ação na luta contra as doenças não esteve desligado do cotidiano dos homens da Baixa Idade Média.

Os conselhos para a boa saúde e as indicações de substâncias com efeito terapêutico que compõem o *Livro sobre a Conservação da Saúde* de Pedro Hispano bem podem disso dar a medida. Um regimento de saúde não é propriamente o tipo de texto dentro do qual o pensamento médico se apresentava sob sua forma mais complexa. Contudo, ao aproximar aquele conjunto de conhecimentos médicos amparados na filosofia natural de uma finalidade de orientação da prática, Pedro Hispano pode ter colaborado não só para a afirmação da nova medicina universitária, mas também para a difusão de seus avanços para além da fina camada de físicos que a praticava. É razoável supor que seu texto funcionasse como uma espécie de manual ao qual se poderia consultar mesmo sem o porte de credenciais universitárias. Descontada a imensa maioria de iletrados, é provável que muitos praticantes de fora e de dentro do circuito acadêmico pudessem ter em Pedro um referencial que lhes ajudasse na heróica tarefa de livrar seres humanos da sombra da morte. Mas demonstrar isso e, conseqüentemente, retirar um pouco do tom probabilístico dessa afirmativa é algo que só um foco diverso poderia realizar. Outro que, uma vez demonstrada a sua difícil viabilidade, dirigisse as lentes para os leitores de Pedro Hispano entre os praticantes que viam de longe o renascer de uma medicina atrelada à filosofia natural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece ser natural que os resultados finais de uma pesquisa, quando comparados àquilo que inicialmente se projetou para ela, apresentem contornos que não poderiam ser vislumbrados naquelas primeiras proposições. Tal situação é por várias razões aplicável ao trabalho que desenvolvi sobre o físico português Pedro Hispano e a medicina das universidades no século XIII. Antes de mais nada, gostaria de apontar que nem mesmo o título proposto inicialmente, *Magia e Medicina na obra médica de Pedro Hispano*, pôde ser mantido, uma vez que os rumos tomados pela pesquisa me fizeram buscar um enfoque bastante diverso para as questões ligadas à medicina da Baixa Idade Média e, mais especificamente, aos textos médicos do pensador português. A intenção original de estudar as inter-relações entre a medicina das universidades e a magia, a partir da obra médica de Pedro Hispano, levou-me ao estudo de alguns textos sobre a história da medicina medieval. Trabalhos como o de Luis García-Ballester (1994; 1992) e Cornelius O'Boyle (1994), entre outros, chamaram a minha atenção para o fato de que a medicina universitária do século XIII apresentava um vínculo bastante íntimo com a filosofia natural, a qual, depois de iniciada a difusão das traduções de textos gregos e árabes, ganhava o posto de campo fundamental do saber. Guiado pela constatação dessa proximidade entre medicina e filosofia natural, decidi estudar o *Liber de Conservanda Sanitate*, texto de Pedro Hispano, de modo que me fosse possível avaliar, num registro da época e direcionado a um público que pode não ter sido formado exclusivamente

nos círculos universitários, se tal aproximação se teria materializado nas explicações médicas de Pedro e, em caso afirmativo, como se daria tal proximidade. No texto escolhido de Pedro Hispano, os vínculos entre medicina e filosofia natural eram claros. Penso que ele pode servir como um exemplar daquilo que a medicina universitária da Europa produziu no século XIII, uma vez que encontrei nele muitos dos elementos gerais que a caracterizam. A grande surpresa foi a constatação de que nele o saber médico aparece bem distante das práticas mágicas, que nessa época marcariam o exercício da medicina, constatação que Edward Grant (1996) já havia feito para o quadro geral da medicina das universidades medievais.

A pesquisa foi realizada em etapas. Na primeira delas, procurei efetuar um levantamento bibliográfico acerca dos temas que achava relevantes para o prosseguimento do estudo. Apresento em dois anexos a seguir listas de trabalhos relativos a dois dos eixos temáticos fundamentais. Numa delas arrolei um bom número de textos sobre Pedro Hispano os quais tratam de sua biografia e de suas obras; na outra são listados alguns textos relativos à história da ciência e, especificamente, da medicina da Baixa Idade Média.

Após pesquisar a bibliografia geral, passei a me ocupar das intrincadas questões ligadas à biografia de Pedro Hispano e à autoria das obras a ele atribuídas. Quanto à biografia, o melhor trabalho a que tive acesso foi a tese de doutoramento de José Antunes (1995), mas mesmo esse trabalho não é capaz de garantir com segurança a integração de todos os dados de que se dispõe sobre Pedro. O pouco que se sabe com relação a sua biografia pode estar na base das discussões sobre a autoria dos textos a ele atribuídos. J. F. Meirinhos (1996) ao tratar da questão sugeriu aquilo a que denominei de hipótese da multiplicação dos Pedros. Para ele, os dados conhecidos sobre a vida de Pedro Hispano dificilmente poderiam ser integrados em uma única biografia. Ademais, a diversidade dos textos cuja autoria é entregue a ele também corroboraria essa idéia, uma vez que seria difícil imaginar um homem, mesmo na Idade Média,

que se movimentasse por entre saberes tão díspares como a lógica e a medicina, por exemplo, com tal maestria e variedade de estilo.

Na terceira e última parte da pesquisa, estudei *o Liber de Conservanda Sanitate*, tentando pensá-lo como texto representativo da medicina universitária da época. Minha estratégia partiu de uma tentativa de captar a estrutura do texto para depois procurar enxergar nele a presença dos elementos típicos da medicina das universidades. Armado pela leitura de trabalhos sobre a ciência e sobre a medicina da Baixa Idade Média que já em etapas anteriores havia realizado, dirigi-me ao texto de Pedro Hispano sabendo que na aproximação entre a filosofia natural e o saber e a prática dos médicos do século XIII residia um problema central da história da medicina medieval.

O ponto fundamental era o que perguntava pelos reais níveis de penetração da nova medicina no cotidiano social. Em que medida não foi o surgimento da medicina universitária um fenômeno restrito a poucas parcelas da população da Europa? Quais as suas relações com a medicina popular dos curandeiros? As respostas que o texto de Pedro Hispano poderia oferecer a esse campo de questões – que busquei delinear melhor no primeiro capítulo deste trabalho – não se encaixariam perfeitamente a essas perguntas, mas não deixam por isso de ter alguma relevância. A própria natureza do texto já revela algumas indicações. Ele em essência é uma compilação de receitas para a boa saúde e, ao contrário dos comentários médicos que compunham o material de discussão do saber médico nas universidades, parece não estar exclusivamente dirigido aos estudantes universitários de medicina. No caso dessa hipótese encontrar uma melhor sustentação, ela poderia ajudar a demonstrar que alguma interação houve entre a medicina renovada nas universidades pela filosofia natural e a sociedade em geral.

Por ter desenvolvido uma análise que buscou indicar a efetividade social da medicina universitária, não posso deixar de apontar seu caráter precário. As conclusões a que

cheguei só poderiam servir como hipóteses para investigações posteriores. O tema mereceria um olhar muito mais cuidadoso e uma pesquisa mais extensa em torno dele certamente teria ajudado bastante. Tal pesquisa constava dos objetivos do meu plano de intenções iniciais, mas infelizmente, por muitos motivos, não pude levá-la adiante.

Outro propósito que constava do plano inicial era o de contribuir para realçar o papel das continuidades entre a ciência medieval e a revolução científica do século XVII. Com relação a essa proposta, devo dizer que, embora não tendo sido alvo de uma preocupação mais sistemática no decorrer do estudo, ela orientou de maneira bastante significativa a minha reflexão acerca da medicina da Baixa Idade Média. Textos como o de A. C. Crombie (1993), que procurou trabalhar em torno das aplicações práticas da ciência medieval, contrariando a afirmação de que a ciência medieval seria marcada por uma natureza estritamente racionalista, – avessa ao caos empírico do mundo – advinda da hegemonia do modelo aristotélico; e o de Grant (1996), que destacou as modificações operadas no aristotelismo pelos homens de saber que ansiavam por respostas mais precisas aos fenômenos para os quais a teoria de Aristóteles era refutada como base de explicação, ajudaram-me, mesmo que de forma indireta, a tratar melhor do assunto proposto. Limpar a poeira dos séculos que teima em se fixar na obra médica de Pedro Hispano, à luz dessa perspectiva, foi algo além de um mero resgate de experiências perdidas no vasto mar do passado. Pois, se meu estudo não colabora explicitamente para desfazê-la, no mínimo não trabalha para engrossar a velha teia dos preconceitos que há tempos se tem tecido por sobre a ciência da Baixa Idade Média.

## FONTES IMPRESSAS

- PEDRO HISPANO. Liber de Conservanda Sanitate. In: ROCHA PEREIRA, M. Helena. *Obras médicas de Pedro Hispano*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1973, p. 427-500.
- RODRIGUES LAPA, M. (ed.). *Cantigas de Escarnho e de Mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Vigo: Galáxia, 1970.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRIMI, Jole; CRISCIANI, Chiara. The science and practice of medicine in the thirteenth century according to Guglielmo da Saliceto, Italian surgeon. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et alii (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp. 60-87.
- ANTUNES, José. A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (juristas e teólogos). Coimbra, 1995. (tese de doutorado)
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Pedro Hispano Portugalense. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (org). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993, p. 524-525.
- BRONOWSKI, Jacob. *O Senso Comum da Ciência*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.
- CARDINI, Franco. *Magia, brujería y superstición en el Occidente medieval*. Barcelona: Península, 1982.
- COELHO, Maria Helena da Cruz; HOMEM, Armando Luís de Carvalho (coord.). *Portugal em Definição de Fronteiras – Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV*. Lisboa: Presença, 1996.
- CROMBIE, A. C. *Historia de la Ciencia: De San Agustín a Galileo.*, Madrid: Alianza, 1993, vol. 1.
- D'ORS, Angel. Petrus Hispanus O. P., auctor Summularum. In: *Vivarium*, vol. XXXV (1), 1997, p. 21-71.
- FERREIRA, João. Os Estudos de Pedro Hispano. In: *Coletânea de Estudos*, 2ª série, ano V, nº 3. Braga, 1954.
- FRENCH, Roger. Astrology in medical practice. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et alii (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 30-59.
- GARCÍA-BALLESTER, Luis. Introduction: Practical medicine from Salerno to the Black Death. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et alii (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-29.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Medicina y filosofía natural en la Europa latina de los siglos XII y XIII: un debate abierto. In: *Arbor* CXLII, 558-559-560, 1992, p. 119-145.
- GENICOT, Léopold. Europa en el siglo XIII. Barcelona: Labor, 1970.

- GRANT, Edward. *The Foundations of Modern Sciences in the Middle Ages – Their religious, institutional, and intellectual contexts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- KOESTLER, Arthur. *O Homem e o Universo – Como a concepção do universo se modificou através dos tempos*. São Paulo: Ibrasa, 1989.
- KOYRÉ, Alexandre. As Origens da Ciência Moderna – Uma nova interpretação. In: *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Ed. da UnB, 1982, pp. 56-79.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LINDBERG, David C. *The Beginnings of Western Science – the european scientific tradition in philosophical, religious and institucional context, 600 b.C. to 1450*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- MAUSS, Marcel. *A General Theory of Magic*. London: Routledge & Keagan Paul, 1972.
- MEIRINHOS, José Francisco. Petrus Hispanus Portugualensis? Elementos para uma diferenciação de autores. In: *Revista Española de Filosofia Medieval*, 3, 1996, p. 51-76.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Método e Ordem das Ciências no comentário sobre o *De Anima* atribuído a Pedro Hispano. In: DE BONI, Luis Alberto (org). *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, pp. 219-252.
- MENDOZA, Celina Lértora. El Concepto y la Clasificación de la Ciencia en el Medioevo (ss. VI-XV). In: DE BONI, Luis Alberto (org). *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, pp. 57-83.
- O'BOYLE, Cornelius. Surgical texts and social contexts: physicians and surgeons in Paris, c. 1270-1430. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et alii (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 156-185.
- PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. O saber e os centros de saber nas *Sete Partidas* de Alfonso X, o Sábio. In: DE BONI, Luis Alberto (org). *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 191-210.
- PONTES, José Maria da Cruz. Para situar Pedro Hispano Portugualense na história da filosofia. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, 7, Braga, 1968.
- ROCHA PEREIRA, M. Helena. *Obras médicas de Pedro Hispano*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1973.
- SALMÓN, Fernando & SALOR, Eustaquio S. Sobre el uso de la autoridad en la medicina medieval: Aristóteles, Galeno y las moscas volantes. In: *Dynamis – Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*. Vol. 13, 1993, p. 347-371.
- TAVARES DE SOUSA, A. *Curso de História da Medicina – das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- THORNDIKE, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science during the first thirteen centuries of our era*. vol. 2. New York: Columbia University Press, 1934.
- TUGWELL, Simon, OP. Petrus Hispanus: Comments on Some Proposed Identifications. In: *Vivarium*, XXXVII (2), 1999, p. 103-113.
- VERGER, Jacques. *As Universidades na Idade Média*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1990.

## ANEXO 1 – Levantamento Bibliográfico: textos sobre Pedro Hispano

- ALONSO ALONSO, Manuel. *Pedro Hispano. Obras filosóficas II – Comentario al “De Anima” de Aristóteles*. Madrid, 1944.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Pedro Hispano. Obras filosóficas III – Expositio Libri de Anima*. Madrid, 1952.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Pedro Hispano. Obras filosóficas I – Scientia libri de anima*. Barcelona, 1961.
- ANTUNES, José. Pedro Hispano Português. In: LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (org). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993, p. 524-525.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (tese de doutoramento). Coimbra, 1995.
- BRAZÃO, Eduardo. João XXI o único papa português (1276-1277). In: *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, vol. 26, tomo II, Lisboa, 1980.
- CAIEIRO, Francisco da Gama. Novos elementos sobre Pedro Hispano. In: *Revista Portuguesa de História*, XXII, Braga: Faculdade de Filosofia, 1966, p. 173-174.
- D’ORS, Angel. Petrus Hispanus O. P., auctor Summularum. In: *Vivarium*, vol. XXXV (1), 1997, p. 21-71.
- FERREIRA, João. O papa João XXI e o priorado de Santo André de Mafra. Porto, 1954.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Esboço sumário das idéias antropológicas de Pedro Hispano. In: *Itinerarium*, ano IV, n. 21, Braga, 1958, p. 341.
- LAURENT, M. H. Il soggiorno di Pietro Ispano a Siena. In: *Bulletino Senese di Storia Patria*, Nuova Serie, Anno IX, fasc. I, Siena, 1938.
- MEIRINHOS, José Francisco. Método e ordem das ciências no *Comentário sobre o De anima* atribuído a Pedro Hispano. In: DE BONI, L. *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 219-252.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 3, 1996, p. 51-76.
- MONIZ, Egas. O papa João XXI. In: *Biblos*, vol. VI, n. 1-2, Lisboa. 1930, p. 1-17.
- MOREIRA DE SÁ, Artur. Pedro Hispano, Prior da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Arcebispo da Sé de Braga. *Biblos*, vol. XXX, Coimbra, 1954, p. 1-24.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *O papa João XXI, filósofo e político*. Porto, 1949.
- PETELLA, J. B. Sull’ Identità di Pietro Ispano. In: *Bulletino Senese di Storia Patria*, ano VI, fasc. II, Siena, 1899.
- PINA, Luís de. Pedro Julião ou Pedro Hispano. In: *Arquivo Histórico de Portugal*, I, 1932.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Pedro Hispano e Arnaldo de Vilanova na educação médica popular hispânica. In: *Anais da Academia Portuguesa de História*, IIs, vol. III, Lisboa, 1951, p. 241-347.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Pedro Hispano. Alguns subsídios para a sua Bibliografia. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, VIII, 1952. (número especial dedicado a Pedro Hispano)
- PONTES, J. M. da Cruz. As traduções dos tratados zoológicos aristotélicos e as inéditas *Quaestiones super libro de animalibus* de Pedro Hispano Português. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XIX, fasc. 3, Braga, 1963, p. 5-25.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. A propos d’un centenaire. Une nouvelle monographie sur Petrus Hispanus Portocalensis, le pape João XXI (1277) est-elle nécessaire? In: *Recherches de Théologie ancienne et médiévale*, XLIV, 1977, p. 220-223.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Para situar Pedro Hispano Português na história da filosofia. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 7, Braga, 1968, p. 5-29.

- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugallense* – novos problemas textuais. Coimbra, 1972.
- ROCHA PEREIRA, M. Helena. *Obras médicas de Pedro Hispano*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1973.
- RODRIGUES, Manuel Augusto. O pensamento teológico e místico de Pedro Hispano. Intérprete e comentador do Pseudo Dionísio Areopagita. In: *Biblos*, LXI, Coimbra, 1977.
- STAPPER, R. Pietro Hispano e il suo soggiorno in Siena. In: *Bollettino Senese di Storia Patria*, V, fasc. 3, p. 424-431.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Papst Johannes XXI*. Eine Monographie, Münster I. W. 1898.
- SÜDHOFF, Karl. Pedro Hispano ou melhor, Pedro Lusitano, professor de medicina e filosofia e, finalmente Papa João XXI. In: *Biblos*, vol. XI, Coimbra, 1935.
- THORNDIKE, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science during the first thirteen centuries of our era*. vol. 2. New York: Columbia University Press, 1934.
- TUGWELL, Simon, OP, Petrus Hispanus: Comments on Some Proposed Identifications. In: *Vivarium*, vol. XXXVII (2), 1999, p. 103-113.

## ANEXO 2 – Levantamento Bibliográfico: textos sobre a ciência e a medicina da Baixa Idade Média

- ARRIZABALAGA, Jon. Facing the Black Death: perceptions and reactions of university medical practitioners. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et al (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 237-287.
- AGRIMI, Jole & CRISCIANI, Chiara. The science and practice of medicine in the thirteenth century according to Guglielmo da Saliceto, Italian surgeon. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et al (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp. 60-87.
- CROMBIE, A. C.. *Historia de la Ciencia: De San Agustín a Galileo*. vol. 1, Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- DUHEM, Pierre. *Medieval Cosmology: theories of infinity, place, time, void, and the plurality of worlds*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- FRENCH, Roger. Astrology in medical practice. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et al (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 30-59.
- GARCÍA-BALLESTER, Luis. Introduction: Practical medicine from Salerno to the Black Death. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et al (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-29.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Medicina y filosofía natural en la Europa latina de los siglos XII y XIII: un debate abierto. In: *Arbor* CXLII, 558-559-560, 1992, p. 119-145.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. La circulación de las ideas médicas en la Castilla de Alfonso X el Sabio. In: *Revista de Occidente*, 43, 1984, p. 85-107.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. El papel de las instituciones de consumo y difusión de ciencia médica en la Castilla del siglo XIII: el monasterio, la catedral y la Universidad. In: *Dynamis*, vol. 4, 1984, p. 33-63.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Historia social de la medicina en la España de los siglos XIII al XVI*. Vol. I, Madrid: Akal, 1976.
- GARIN, Eugénio. *Idade Média e Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1989.
- GRANT, Edward. *The Foundations of Modern Sciences in the Middle Ages – Their religious, institutional, and intellectual contexts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- JACQUART, Danielle. Medical practice in Paris in the first half of the fourteenth century. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et al (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 186-210.
- KOESTLER, Arthur. *O Homem e o Universo – Como a concepção do universo se modificou através dos tempos*. São Paulo: Ibrasa, 1989.
- KOYRÉ, Alexandre. As Origens da Ciência Moderna – Uma nova interpretação. In: *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Ed. da UnB, 1982, pp. 56-79.
- LINDBERG, David C. *The Beginnings of Western Science – the European scientific tradition in philosophical, religious and institutional context, 600 b.C. to 1450*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- MENDOZA, Celina Lértora. El Concepto y la Clasificación de la Ciencia en el Medioevo (ss. VI-XV). In: DE BONI, Luis Alberto (org). *A Ciência e a Organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, pp. 57-83.

- O'BOYLE, Cornelius. Surgical texts and social contexts: physicians and surgeons in Paris, c. 1270-1430. In: GARCÍA-BALLESTER, Luis et al (org). *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 156-185.
- RASHED, Roshid. Modernidade Clássica e Ciência Árabe. In: AFONSO-GOLDFARB, A. M. & MAIA, C. A.. *História da Ciência: um mapa do conhecimento*. São Paulo: Edusp, 1995, pp. 27-39.
- SALMON, Fernando & SALOR, Eustaquio S. Sobre el uso de la autoridad en la medicina medieval: Aristóteles, Galeno y las moscas volantes. In: *Dynamis – Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*. Vol. 13, 1993, p. 347-371.
- SIRAISSI, Nancy. *Medieval and early renaissance medicine: an introduction to knowledge and practice*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- TAVARES DE SOUSA, A. *Curso de História da Medicina – das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- THORNDIKE, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science during the first thirteen centuries of our era*. vol. 2. New York: Columbia University Press, 1934.
- VERGER, Jacques. *As Universidades na Idade Média*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1990.